

CONCURSO DE ADMISSÃO 2012/2013

PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

1º ANO DO ENSINO MÉDIO



CONFERÊNCIA:

Membro da CEOCP (Port / 1º EM)	Presidente da CEI	Dir Ens CPOR / CMBH

TEXTO 1

A CARTEIRA

1 ... DE REPENTE, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

— Olhe, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.

5 — É verdade, concordou Honório envergonhado.

Para avaliar a oportunidade desta carteira, é preciso saber que Honório tem de pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis, e a carteira trazia o bojo recheado. A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga; mas todas as quantias são grandes ou pequenas, segundo as circunstâncias, e as dele não podiam ser piores. Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui, jantar dali, chapéus, leques, tanta coisa mais, que não havia remédio senão ir descontando o futuro. Endividou-se. Começou pelas 10 contas de lojas e armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer, e os bailes a darem-se, e os jantares a comerem-se, um turbilhão perpétuo, uma voragem.

— Tu agora vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C..., advogado e familiar da casa.

15 — Agora vou, mentiu o Honório.

A verdade é que ia mal. Poucas causas, de pequena monta, e constituintes remissos; por desgraça perdera ultimamente um processo, em que fundara grandes esperanças. Não só recebeu pouco, mas até parece que ele lhe tirou alguma coisa à reputação jurídica; em todo caso, andavam mofinas nos jornais. D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não 20 contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades. Quando o Gustavo, que ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro; e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano, e que o Gustavo escutava com indizível prazer, ou jogavam cartas, ou simplesmente falavam de política.

Um dia, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos 25 molhados; ficou espantada, e perguntou -lhe o que era.

— Nada, nada.

Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria. Mas as esperanças voltavam com facilidade. A ideia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta. Estava com trinta e quatro anos; era o princípio da carreira: todos os princípios são difíceis. E toca a trabalhar, a

30 esperar, a gastar, pedir fiado ou emprestado, para pagar mal, e a más horas.

A dívida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros. Nunca demorou tanto a conta, nem ela cresceu tanto, como agora; e, a rigor, o credor não lhe punha a faca aos peitos; mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto mau, e Honório quer pagar-lhe hoje mesmo. Eram cinco horas da tarde. Tinha-se lembrado de ir a um agiota, mas voltou sem ousar pedir nada. Ao enfiar pela Rua da Assembléia é que viu a carteira no chão, apanhou-a, meteu no bolso, e foi andando.

35 Durante os primeiros minutos, Honório não pensou nada; foi andando, andando, andando, até o Largo da Carioca. No Largo parou alguns instantes, - enfiou depois pela Rua da Carioca, mas voltou logo, e entrou na Rua Uruguaiana. Sem saber como, achou-se daí a pouco no Largo de S. Francisco de Paula; e ainda, sem saber como, entrou em um Café. Pediu alguma cousa e encostou-se à parede, 40 olhando para fora. Tinha medo de abrir a carteira; podia não achar nada, apenas papéis e sem valor para ele. Ao mesmo tempo, e esta era a causa principal das reflexões, a consciência perguntava-lhe se podia utilizar-se do dinheiro que achasse. Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura.

Podia lançar mão do dinheiro, e ir pagar com ele a dívida?

45 Eis o ponto. A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira. Chegavam mesmo a dizer-lhe que, se fosse ele que a tivesse perdido, ninguém iria entregar-lha; insinuação que lhe deu ânimo.

Tudo isso antes de abrir a carteira. Tirou-a do bolso, finalmente, mas com medo, quase às 50 escondidas; abriu-a, e ficou trêmulo. Tinha dinheiro, muito dinheiro; não contou, mas viu duas notas de duzentos mil-réis, algumas de cinquenta e vinte; calculou uns setecentos mil réis ou mais; quando menos, seiscentos. Era a dívida paga; eram menos algumas despesas urgentes.

Honório teve tentações de fechar os olhos, correr à cocheira, pagar, e, depois de paga a dívida, adeus; reconciliar-se-ia consigo. Fechou a carteira, e com medo de a perder, tornou a guardá-la.

55 Mas daí a pouco tirou-a outra vez, e abriu-a, com vontade de contar o dinheiro. Contar para quê? Era dele? Afinal venceu-se e contou: eram setecentos e trinta mil-réis. Honório teve um calafrio.

Ninguém viu, ninguém soube; podia ser um lance da fortuna, a sua boa sorte, um anjo... Honório teve pena de não crer nos anjos...

60 Mas por que não havia de crer neles? E voltava ao dinheiro, olhava, passava-o pelas mãos; depois, resolvia o contrário, não usar do achado, restituí-lo. Restituí-lo a quem? Tratou de ver se havia na carteira algum sinal.

“Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro,” pensou ele.

65 Esquadrinhou os bolsos da carteira. Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita; leu o nome; era do Gustavo. Mas então, a carteira?... Examinou-a por fora, e pareceu-lhe efetivamente do amigo. Voltou ao interior; achou mais dois cartões, mais três, mais cinco. Não havia duvidar; era dele.

70 A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo. Todo o castelo levantado esborouou-se como se fosse de cartas. Bebeu a última gota de café, sem reparar que estava frio. Saiu, e só então reparou que era quase noite. Caminhou para casa. Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dois empurrões, mas ele resistiu.

“Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer.”

Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado. E a própria D. Amélia o parecia também. Entrou rindo, e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma coisa.

75 — Nada.

— Nada?

— Por quê?

— Mete a mão no bolso; não te falta nada?

— Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso. Sabes se alguém a achou?

80 — Achei-a eu, disse Honório entregando-lha.

Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete; depois de tanta luta com a necessidade, era um triste prêmio. Sorriu amargamente; e, como o outro lhe perguntasse onde a achara, deu-lhe as explicações precisas.

— Mas conheceste-a?

85 — Não; achei os teus bilhetes de visita.

Honório deu duas voltas, e foi mudar de *toilette* para o jantar.

Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor.

(ASSIS, Machado de. *A carteira*. www.domíniopublico.gov.br/download/texto/bv000169. pdf. Acesso em 01/07/2012)

**RESPONDA AS QUESTÕES DE 1 A 20 E TRANSCREVA AS
RESPOSTAS CORRETAS PARA O CARTÃO-RESPOSTA**

QUESTÃO 1 – “A dívida urgente de hoje são uns malditos quatrocentos e tantos mil-réis de carros”. (linha 31)

A intenção do autor em colocar o adjetivo sublinhado antes de mencionar o valor da dívida foi a de:

- Ⓐ expressar sua opinião a respeito da quantia devida, afinal de contas, não era um valor tão alto para uma pessoa da posição de Honório.
- Ⓑ demonstrar exatamente o pensamento da personagem principal, fazendo com que o leitor se identifique com os sentimentos dessa personagem.
- Ⓒ lançar a crítica à figura de Honório, pois este não deveria deixar que a organização de sua vida financeira saísse de controle.
- Ⓓ revelar o desejo de Honório de insultar não apenas aquela quantia, mas a todos os responsáveis pela sua dívida.
- Ⓔ maximizar a urgência no pagamento da dívida.

QUESTÃO 2 – É possível identificar o clímax da história no trecho:

- Ⓐ “Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer” (linha 72), por ser o momento em que Honório desiste de continuar pensando a respeito do assunto.
- Ⓑ “Chegando a casa, já ali achou o Gustavo” (linha 73), pelo fato de Honório, sabendo que Gustavo era o dono da carteira, tê-lo encontrado.
- Ⓒ “Mete a mão no bolso; não te falta nada?” (linha 78), por representar exatamente o instante em que Gustavo supostamente notará a ausência da carteira.
- Ⓓ “Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso” (linha 79), por revelar que Gustavo já sabia que lhe faltava a carteira.
- Ⓔ “Achei-a eu, disse Honório entregando-lha” (linha 80), por Honório finalmente entregar a carteira a seu legítimo dono.

QUESTÃO 3 – Quanto à forma como o texto está construído, pode-se classificá-lo como, predominantemente:

- Ⓐ Narrativo, porque trata-se de uma história que contém personagens e elementos como espaço/tempo determinados.
- Ⓑ Descritivo, porque há ocorrências em que elementos são minuciosamente detalhados.
- Ⓒ Instrucional, pois prescreve orientações e indica procedimentos.
- Ⓓ Jornalístico, por narrar acontecimentos de maneira imparcial.
- Ⓔ Dissertativo, por conter uma introdução, um desenvolvimento da história e a conclusão final.

QUESTÃO 4 – “Começou pelas contas de lojas e armazéns; passou aos empréstimos, duzentos a um, trezentos a outro, quinhentos a outro, e tudo a crescer,...”. (linhas 11, 12 e 13)

Encontra-se no trecho acima, predominantemente, a seguinte figura de linguagem:

- A Repetição.
- B Personificação.
- C Antítese.
- D Gradação.
- E Ironia.

QUESTÃO 5 – Machado de Assis utiliza-se da metonímia no seguinte trecho:

- A “Fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades.” (linha 20)
- B “Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria.” (linha 27)
- C “A ideia de que os dias melhores tinham de vir dava-lhe conforto para a luta.” (linha 28)
- D “... mas disse-lhe hoje uma palavra azeda, com um gesto mau.” (linha 33)
- E “Honório teve pena de não crer nos anjos.” (linhas 57 e 58)

QUESTÃO 6 – Ao se elaborar um texto, procura-se estruturar as ideias em torno de uma palavra ou ideia-chave, para que não haja fuga do tema. A alternativa em que se encontra a palavra-chave do texto é:

- A Honório.
- B Dívida.
- C Carteira.
- D Quantia.
- E Dinheiro.

QUESTÃO 7 – Ao terminar a leitura do texto, é possível identificar Honório, pelas atitudes demonstradas, como sendo uma pessoa:

- A inconsequente.
- B inescrupulosa.
- C indecisa.
- D indelicada.
- E indolente.

QUESTÃO 8 – “*Gustavo pegou dela precipitadamente e olhou desconfiado para o amigo*”. (linha 81)

No contexto, a frase grifada:

- (A) refere-se ao fato de Gustavo ter concluído que fora roubado e desconfiar de Honório no momento da entrega.
- (B) tem duplo sentido, pois para Honório a interpretação foi diferente daquilo que Gustavo verdadeiramente pensava a respeito da perda da carteira.
- (C) significa que Gustavo não confiava em Honório, apesar de serem velhos amigos.
- (D) demonstra que Gustavo já suspeitava que Honório tivesse tirado o dinheiro, pois sabia das dívidas do amigo.
- (E) revela a tristeza de Gustavo ao descobrir que seu melhor amigo o havia roubado.

QUESTÃO 9 – O desenvolvimento da trama é inteiramente construído:

- (A) sobre dúvidas e indecisões de Honório.
- (B) em torno da dívida a ser paga.
- (C) na lealdade de Honório em relação a Gustavo.
- (D) na alienação de Amélia para com as finanças do marido.
- (E) em função do medo do futuro e horror da miséria.

QUESTÃO 10 – Pode-se dizer que, nos parágrafos iniciais do texto, a intenção do autor é a de:

- (A) revelar ao leitor, desde o início, as verdadeiras intenções de Honório, ou seja roubar a carteira do amigo.
- (B) situar o leitor acerca dos fatos para que este entenda melhor o que se passará na história narrada.
- (C) mostrar ao leitor a ótima convivência que o personagem principal possuía com sua esposa, sendo o casal frequentador de bailes e jantares da alta sociedade local.
- (D) demonstrar aspectos históricos da cidade do Rio de Janeiro, ao citar ruas e lugares famosos do cenário carioca da época.
- (E) apresentar Honório como personagem secundário, já que o assunto principal da história não é uma pessoa, mas, sim, um objeto: a carteira.

QUESTÃO 11 – Nos últimos parágrafos, pode-se notar uma relação entre a personagem, seu pensamento e o objeto em questão. A alternativa que melhor representa essa imagem é:

- (A) Gustavo / desconfiava / bolso.
- (B) Honório / tristeza / estilete.
- (C) Amélia / ansiedade / bilhete.
- (D) Honório / preocupação / bilhete de visita.
- (E) Amélia / medo / carteira.

QUESTÃO 12 – “*Não lhe perguntava com o ar de quem não sabe, mas antes com uma expressão irônica e de censura.*” (linha 42 e 43)

A conjunção grifada estabelece entre as orações uma relação de:

- A) adição.
- B) adversidade.
- C) conclusão.
- D) alternância.
- E) explicação.

QUESTÃO 13 – No desfecho da história, só não se pode dizer que há:

- A) tristeza.
- B) preocupação.
- C) ansiedade.
- D) ironia.
- E) nervosismo.

QUESTÃO 14 – No texto, o autor utiliza por algumas vezes as aspas para:

- A) separar os trechos copiados de outras obras literárias.
- B) estabelecer a diferença entre pensamento e fala do personagem.
- C) chamar a atenção do leitor para um fato importante.
- D) destacar o discurso direto presente no texto.
- E) demonstrar o sentimento do personagem principal.

QUESTÃO 15 – “*Achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu.*” (linha 63 e 64)

A função sintática dos pronomes relativos que aparecem nas orações acima é a mesma, sendo ela:

- A) sujeito da oração.
- B) predicativo do sujeito.
- C) adjunto adverbial.
- D) complemento nominal.
- E) objeto direto.

QUESTÃO 16 – No período “*não parece grande para a posição de Honório, que advoga...*” (linhas 7 e 8), a oração destacada classifica-se como:

- (A) oração coordenada sindética aditiva.
- (B) oração subordinada substantiva restritiva.
- (C) oração subordinada substantiva subjetiva.
- (D) oração subordinada adjetiva restritiva.
- (E) oração subordinada adjetiva explicativa.

QUESTÃO 17 – Em “*De repente, Honório olhou para o chão e viu a carteira*” (linha 1), a vírgula foi usada para:

- (A) separar elementos que exercem a mesma função sintática.
- (B) para isolar o adjunto adverbial antecipado.
- (C) para isolar elementos repetidos.
- (D) para isolar orações subordinadas adjetivas restritivas.
- (E) para isolar orações subordinadas adjetivas explicativas.

QUESTÃO 18 – No período “*Ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios*” (linha 19), o termo em destaque é:

- (A) complemento nominal
- (B) predicativo do objeto direto.
- (C) vocativo.
- (D) aposto.
- (E) adjunto adverbial.

QUESTÃO 19 – Quanto à predicação verbal, o verbo *contar* em “*ele não contava nada à mulher*” (linha 19) é um verbo:

- (A) de ligação.
- (B) transitivo direto.
- (C) transitivo indireto.
- (D) transitivo direto e indireto.
- (E) intransitivo.

QUESTÃO 20 – Nas orações: “*Tirou-a do bolso*” (linha 49), “*reconciliar-se-ia consigo*” (linha 54) e “*mas tão depressa acabava de lhe dizer isto*” (linha 46), temos, respectivamente:

- Ⓐ próclise, mesóclise e ênclise.
- Ⓑ mesóclise, ênclise e próclise.
- Ⓒ ênclise, , mesóclise e próclise.
- Ⓓ ênclise, ênclise e próclise.
- Ⓔ próclise, ênclise e mesóclise.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Após a leitura de “*A Carteira*” de Machado de Assis, observe o trecho da música do Capital Inicial e o ditado popular. Utilizando o gênero dissertativo, posicione-se a respeito.

TEXTO 2

QUATRO VEZES VOCÊ

(...)

O que você faz quando

Ninguém te vê fazendo

Ou o que você queria fazer

Se ninguém pudesse te ver

(CAPITAL INICIAL. Album: ROSAS e VINHO TINTO, 2002)

TEXTO 3

“Achado não é roubado.”

(*Ditado Popular*)

Atenção às orientações:

- Redija um texto de 20 a 25 linhas.
- Dê um título criativo à sua redação.
- Estruture bem seu texto com começo, meio e fim.
- Não copie e não utilize nenhum trecho dos textos apresentados nesta prova.
- Faça letra legível, utilizando caneta esferográfica de tinta azul ou preta.
- Construa seu texto segundo a norma culta da língua.
- É proibido o uso de corretivo. O erro deverá ser colocado entre parênteses e riscado horizontalmente com apenas um traço. Ex: (~~eaza~~) casa.

01 _____
02 _____
03 _____
04 _____
05 _____
06 _____
07 _____
08 _____
09 _____
10 _____
11 _____
12 _____
13 _____
14 _____
15 _____
16 _____
17 _____
18 _____
19 _____
20 _____
21 _____
22 _____
23 _____
24 _____
25 _____

Não esqueça de transcrever sua redação para a **Folha de Redação**.